

O TRATAMENTO DO ERRO NO 4º e 5º ANOS: POSTURAS E PRÁTICAS DE EDUCADORAS NO ENSINO DE LINGUAGEM

Aline Rafaela Lima e Silva ¹
Maria Rejane Ferreira Lima de Araújo ²

RESUMO

A presente pesquisa objetivou analisar a percepção e intervenção dos (as) professores (as) diante do erro, mais especificamente, verificar como os (as) professores (as) recebem e entendem os desvios dos alunos; compreender a noção do erro no processo de ensino e aprendizagem no ciclo de alfabetização, além de observar como as incorreções são tratadas nessa etapa. Nesse sentido, destacamos as posturas e práticas de educadores (as) diante desse fenômeno no ensino de escrita. O trabalho se deu a partir de uma pesquisa de campo de cunho qualitativo (TRIVIÑOS, 1987) em uma escola pública do município de Belo Jardim. Utilizamos como instrumento de coleta de dados uma entrevista semiestruturada com 6 entrevistados(as) e tomamos como base teórica os estudos de Luckesi (1990); Soares (2004); Pilleti (2006); Ferreira (1999); Aragão (2012), dentre outros. A partir da análise de dados, foi possível observar que, com exceção de uma docente, as demais informantes apresentam um olhar construtivo do erro, considerando-o não como punição, mas como um passo importante para a aprendizagem.

Palavras-chave: Erro, Avaliação, Aprendizagem, Escrita.

INTRODUÇÃO

O erro é algo que está presente na vida de todos, seja na escola ou na vida pessoal. Desde a mais tenra idade somos repreendidos pelos nossos pais/responsáveis quando erramos, e na escola não é diferente, no entanto muitos professores ainda não sabem lidar adequadamente com o erro e não o percebem como algo construtivo, significativo, que desencadeia aprendizagens.

Nesse sentido, nossa pesquisa buscou a compreensão de como professores (as) lidam com o erro, principalmente ao trabalhar com o ensino da Língua Portuguesa, por ser uma disciplina em que os alunos apresentam muitas dificuldades de aprendizagem, tanto na leitura, quanto na escrita e na interpretação textual. Nosso objeto de estudo foram professores (as) de turmas de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, pois estas turmas são responsáveis, respectivamente, pelo início do estágio gráfico da alfabetização e pela consolidação da apropriação do sistema de escrita alfabética, podendo haver aí retenções, se necessário.

¹ Mestra pelo Curso de Pós Graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/CAA, alyne_rafaella@yahoo.com.br;

² Especialista pelo Curso de Pós Graduação em Letras da Faculdade do Belo Jardim - FBJ, rejaneferreira_jesus@hotmail.com.

A escola precisa ser um ambiente acolhedor e prazeroso para a criança, com a finalidade de proporcionar um processo de aprendizagem crítico e reflexivo; é, pois, necessário que este (a) profissional perceba as dificuldades dos (as) alunos (as), suas dúvidas, angústias e vergonha de errar, a fim de planejar estratégias que os auxiliem a entender que tal deslize não só faz parte, como tem importante papel na construção da aprendizagem.

Pensar acerca do tratamento do erro no processo de alfabetização nos auxilia a refletir sobre a relevância de bem utilizar tais práticas como pontos de partida para um sistema, que de fato, auxilie na construção de conhecimentos. O interesse em estudar essa temática deu-se mediante observações indiretas no campo de sala de aula, onde percebemos um sem número de docentes que considerava apenas aqueles alunos que acertavam respostas produzidas coletivamente; além disso, surgiu-nos a necessidade de compreender como tratar os deslizes na aprendizagem de nossos alunos para que não haja constrangimento e desvalorização desse processo.

O presente estudo poderá contribuir de forma significativa para docentes, uma vez que possibilitará a reflexão sobre como tratar o erro do aluno, a fim de torná-lo um acerto. Haverá uma contribuição também para que a sociedade tenha um novo olhar diante dos erros, tanto na vida escolar, quanto na vida pessoal, fazendo com que eles sejam encarados como degraus para futuros acertos.

Nossa pesquisa se originou da busca de entender o seguinte problema: como as professoras de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental compreendem e trabalham a questão do erro no processo de ensino e aprendizagem?

Diante disso, esse estudo teve como objetivo geral analisar a intervenção das professoras diante do erro em Língua Portuguesa nas turmas de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental e como objetivos específicos verificar como as professoras recebem, percebem e tratam os erros dos alunos; compreender qual o papel do erro no processo de ensino e aprendizagem no ciclo de alfabetização, além de observar como este, em Língua Portuguesa, é tratado pelas professoras no ciclo de alfabetização.

Para tanto, investigamos seis docentes de uma escola pública de Belo Jardim, sendo três do 4º ano e três do 5º ano e a partir das entrevistas e observações realizadas, foi perceptível que parte das seis informantes já apresentava um olhar construtivista do erro, observando-o como elemento do processo de aprendizagem.

Para o levantamento bibliográfico nos baseamos nas concepções teóricas de autores como: Luckesi (1990), Seber (2001), Soares (2004), Pilleti (2006), Ferreiro (1999), Aragão (2012), entre outros.

METODOLOGIA

A presente pesquisa teve caráter exploratório e de campo, a partir da observação de fatos e fenômenos exatamente como eles ocorrem na realidade, através de um estudo descritivo com a abordagem qualitativa que possibilitou uma melhor compreensão acerca do tema pesquisado, contribuindo significativamente para a análise do problema ora investigado (TRIVIÑOS, 1987).

Utilizamos como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada, a fim de compreendermos como as professoras lidam com o erro em suas práticas docentes e qual o espaço pedagógico dado a ele na busca pela construção de aprendizagens do (a) educando (a). Nesse sentido, Szymanski (2002, p.12) afirma que “quem entrevista tem informações e procura outras, assim como aquele que é entrevistado também processa um conjunto de conhecimentos e pré-conceitos sobre os entrevistados, organizando sua resposta para aquela situação”.

Nesse sentido, foram elaboradas dez questões subjetivas, que poderiam ser reformuladas ou complementadas, para que assim houvesse probabilidade de captar um momento instantâneo de valores e crenças de seis professoras (ora identificadas como 4A, 4B e 4C aos docentes das turmas de 4º ano e 5A, 5B e 5C aos que lecionam nas turmas de 5º ano) de uma escola pública do município de Belo Jardim-PE.

Além da entrevista semiestruturada, foram realizadas observações em sala de aula objetivando analisarmos de perto como eram tratados os erros em Língua Portuguesa e examinarmos as reações dos alunos ao errarem, pois conforme Vianna (2003, p.83) é importante “ir além da superfície dos eventos, determinar significados, muitas vezes ocultos, interpretá-los, explicá-los e analisar o impacto na vida em sala de aula”.

Sabemos que não é possível “eliminar de todo a influência do observador” (Vianna, 2003, p.10), por isso realizamos 10 observações, a fim de tentar minimizar, ao máximo, este fator negativo. Nesse sentido, a utilização desses dois instrumentos deu-se pela tentativa de melhor compreensão da realidade estudada, de modo que se complementem as informações apresentadas, contextualizando nosso objeto de estudo de maneira mais eficaz.

A análise dos dados ocorreu a partir da análise de conteúdo (BARDIN, 2004), entendendo que as condições em que se coletam tais dados influenciam diretamente sua interpretação. Nesse sentido, essas informações foram analisadas considerando ainda os elementos implícitos presentes nas falas dos informantes, a fim de que houvesse possibilidade de compreender como esses docentes pensam e constroem suas práticas pedagógicas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da entrevista realizada com seis professoras de turmas de 4º e 5º anos de uma escola pública do município de Belo Jardim-PE, ao serem indagadas sobre os erros mais frequentes nas aulas de Língua Portuguesa, ficou evidente no quadro 1 que os discentes possuem mais dificuldade em relação ao uso das regras ortográficas, troca de letras, acentuação, e conseqüentemente na fala.

Quadro 1: Erros frequentes nas aulas de Língua Portuguesa

PROFESSOR	RESPOSTA
4A	A fala, a leitura e a escrita, acho isso normal e para melhorarem eles precisam de um suporte extra para superar as barreiras do aprendizado.
4B	É as trocas de letras, tipo “m” e “n”, “p” e “b”, uso de letras maiúsculas, acentuação, acho esses os tipos de erros mais encontrados.
4C	A escrita com acréscimos de letras ou incompleta.
5A	Os erros ortográficos são os mais comuns, os quais considero simples, porém é de grande importância a correção o quanto antes, pois corre o risco de se tornarem repetitivos e são levados adiante, o que posteriormente implicará nos aspectos linguísticos orais e escritos, comprometendo as normas ortográficas.
5B	O uso das regras ortográficas.
5C	Os erros mais frequentes são os ortográficos, alguns alunos sempre acabam esquecendo alguma letra ou trocando por outras, mas considero isso normal e tento ajudá-los mostrando onde se encontra o erro.

Com relação aos erros ortográficos, considera-se que as produções escritas da criança têm o potencial de revelar o conhecimento ainda não consolidado de todas as convenções ortográficas normativas da sua língua e proporcionam formas indiretas de caracterização do conhecimento fonológico das crianças. Essas produções revelam, por um lado, a assimilação de certos princípios básicos da escrita alfabética, por outro, o desconhecimento de aspectos ainda não ensinados/aprendidos da norma ortográfica (VELOSO, 2003, p.162).

No entanto, deve-se levar em consideração que esses fenômenos da língua não estão evidentes apenas nesse nível de escolaridade. Ao contrário, eles são recorrentes em todos os níveis devido à complexidade e ao número de regras inerentes ao estudo dessa disciplina.

Ainda assim, é de suma importância que o educador observe, com todo cuidado, o nível de cada criança com relação à leitura e à escrita, a fim de pensar estratégias que favoreçam o avanço de nível em que se encontra cada educando, a partir de questionamentos que permitam a reflexão e revisão dos escritos nos aspectos a serem modificados, a fim de que ele desenvolva a consciência de como melhorar e desenvolver a sua escrita.

Acreditamos na importância em buscar-se instrumentos que facilitem a aprendizagem do discente quanto ao erro, considerando este enquanto parte do processo de alfabetização, tomando-o como ponto de partida para novos conhecimentos, através de estratégias simples, como a correção coletiva e individual dos alunos. Nesse sentido, notamos na fala das docentes 4A, 5A e 5C sua preocupação e compreensão na busca de metodologias que auxiliem seus alunos a superarem as barreiras da aprendizagem, a fim de alcançarem o conhecimento.

Com relação a os professores lidam com os erros dos discentes, notamos que, em sua maioria, estes deslizes têm sido percebidos de forma natural, percebendo-o como parte do processo de aprendizagem, e buscando sempre auxiliar o aluno a refletir sobre o erro e dessa forma haver uma melhor aprendizagem e mais significativa. Sobre este aspecto, Ferreira (1999, p. 47), afirma que:

A correção contínua e imediata gera inibição e impede a reflexão e a confrontação. Os erros também necessitam ser interpretados pelo professor, já que nem todos os erros se parecem. Qualquer adulto alfabetizado se engana ao ler ou ao escrever, o que indica seu grau de alfabetização e sua possibilidade de autocorreção.

Deduz-se daí, portanto, ser extremamente importante que o educador procure um método de correção que não iniba os conhecimentos dos educandos, levando-os a refletir sobre os seus deslizes e acerca de novas maneiras a não mais cometê-los; ou, pelo menos, que isso não aconteça habitualmente, como se parecesse ‘normal’.

Ao ser questionadas acerca de como as docentes entrevistadas tratam o erro no ensino de língua portuguesa foi apontado que:

Quadro 2: O tratamento do erro dos alunos em Língua Portuguesa

PROFESSOR	RESPOSTA
4A	Revejo os erros com os alunos e tento avançar naquilo que ainda não foi, de fato, aprendido.
4B	Busco lidar de forma natural, mas sempre buscando melhorar a aprendizagem do discente.
4C	Geralmente, eu quando peço pra que o meu aluno faça algum exercício, na correção eu já observo e costumo fazer uma correção individual, posterior a essa correção eu passo para uma correção coletiva, porque às vezes o outro tem dúvidas e tem vergonha de perguntar.
5A	O erro fará parte todo tempo do aprendizado, e estes devem ser tratados de forma amigável para que através destes possamos construir uma aprendizagem significativa, para que os alunos sejam estimulados a buscar o conhecimento e não inibir o seu potencial.
5B	Procuro ajudar o discente a reparar o erro e refletir sobre o mesmo, encorajando-os a não ter medo de errar, daí em diante surgirá uma aprendizagem mais significativa.
5C	Peço que leia novamente para identificar o erro e corrigi-lo.

Historicamente, devido a uma visão construída de que ninguém pode cometer erros e se os comete sofrerá punição, surgiu uma interpretação preconceituosa e equivocada do mesmo, passando-se a ter uma concepção de que onde existe erro não poderá haver acerto. Dessa forma, a escola, sendo vista como espaço responsável pelo processo de ensino e aprendizagem, tem o papel de desconstruir esse entendimento, para que alunos e professores percebam o erro como um degrau para futuros acertos, ou seja, como oportunidades de aquisição do conhecimento a partir da análise das falhas cometidas.

A linguagem não é algo simples de se compreender nem tampouco de se assimilar, pois até mesmo os adultos alfabetizados cometem deslizes quanto ao seu uso, sejam eles na fala ou na escrita. Portanto, é evidente que o educando não irá apreendê-la de imediato. O educador deve, pois, fazer com que o aluno observe o seu erro, reflita sobre ele para assim se autocorrigir, como apontam as falas das docentes 4A, 4B, 4C, 5A e 5B, presentes no quadro 2, bem como as ações das professoras nas observações realizadas em suas salas de aula.

Assim, percebe-se que o erro é considerado um reflexo do pensamento da criança, cabendo, portanto, ao professor a tarefa de descobrir e entender o caminho percorrido por ela

até o resultado observado, a fim de oportunizar a construção reflexiva do conhecimento. Quando da constatação do erro da criança, não é aconselhável corrigir de caneta vermelha ou castigá-la com a repetição exaustiva da escrita correta da palavra. Deve-se, todavia, fazê-la refletir novas formas de escrever, conduzindo-a, de maneira mais leve, ao acerto.

Com relação ao uso de instrumentos que auxiliem o professor a tirar as dúvidas de seus alunos a partir de metodologias diversas que devem ter espaço em sala de aula, principalmente quando se percebe que seus alunos não compreendem o conteúdo, o educador precisa ter zelo em relação ao ensino do aprendiz, pensando em práticas que possam desafiá-lo a chegar ao acerto, ao invés de dizer-lhe a resposta que espera ouvir.

Quadro 3: Metodologias utilizadas quando da não compreensão dos conteúdos

PROFESSOR	RESPOSTA
4ª	Revejo o assunto com o aluno e procuro trazer jogos referentes ao conteúdo.
4B	Busco levar atividades referentes aos erros cometidos nas aulas e jogos referentes ao conteúdo que não foi aprendido.
4C	As metodologias que costumo utilizar são justamente atividades extras, fazendo dinâmicas, rodas de leituras, vídeos, músicas, pra que de forma diferente eles comecem a observar o vocabulário presente e comecem a ir modificando e criando novos métodos de pensar e novas metodologias para que possam deixar aquela forma generalizada de que Língua Portuguesa é difícil e passem a gostar da disciplina através de novos métodos.
5ª	Quando não obtenho sucesso com uma prática, analiso métodos novos que vão sucedendo os antigos até firmar a aprendizagem, cada ação uma nova reflexão, a flexibilidade no ato de mediar conhecimento e se autoanalisar é imprescindível ao docente.
5B	O debate, com a troca de experiências, é uma forma de passar segurança para o aprendiz do discente.
5C	Livro, cartaz, jogos, depende da matéria e do conteúdo.

A esse respeito, todas as docentes mencionaram que se utilizam de outras diversas formas para que os conteúdos sejam compreendidos, através de jogos, vídeos, debates e atividades que reforcem aqueles que não compreendidos, embora fosse visível na fala da professora 5C certa

superficialidade e ausência de detalhamento de como acontece o uso de tais instrumentos metodológicos, perceptível na fala das docentes.

Metodologias que favoreçam a tomada de consciência são extremamente necessárias para a mobilização de conhecimentos específicos por parte do educando, como é o caso da correção de atividades em pares, além do processo de correção individual – questionando ao aluno o porquê de suas respostas, além de correções coletivas, que possibilitem o confronto de respostas distintas; tais ferramentas impulsionam o aprendiz a construir respostas corretas, ao invés de apenas copiá-las.

Assim, o aluno poderá pensar e mostrar o que sabe, sendo-lhe proporcionado conhecer o que ainda precisa ser ensinado. Dessa maneira, é de suma importância que o professor reveja seu plano de ensino, que busque compreender as aprendizagens e dificuldades dos alunos, oportunizando assim a expressão das hipóteses deles de maneira crítica e reflexiva. Desta forma, faz-se necessário o uso de diversas metodologias para que o resultado positivo seja alcançado.

Em nossas observações, percebemos, na ação das cinco primeiras docentes, um sentimento de preocupação e até de frustração ao observar que seus alunos não aprenderam, enquanto apenas uma educadora demonstrou que não se sente triste e nem frustrada, mas impulsionada a tentar fazer algo novo para melhorar o ensino e a aprendizagem.

Nesse sentido, é necessário que o docente reavalie as práticas utilizadas em sala de aula, pois muitas vezes o método utilizado não está sendo satisfatório para a aprendizagem do aluno, sendo então importante pensar novas metodologias que garantam sua aprendizagem efetiva.

A postura usada pelo professor perante o erro pode ser analisada de diferentes ângulos, então não se trata de negá-lo ou justificá-lo de maneira complacente, nem de evitá-lo por meio de punições, mas problematizá-lo, transformando-o em uma situação de aprendizagem. (MACEDO, 1994, p.59).

Assim, o educador deve analisar a forma como trata o erro, buscando sempre transformá-lo em aprendizagem, sem utilizar punição alguma devido aos deslizes cometidos.

Além disso, é importante perceber que o erro possui um valor positivo no processo de construção do acerto, de modo que de acordo com Aquino (1997, p.36) se o sujeito “[...] errar, sua tendência será a de refletir mais sobre o problema e sobre as ações que empregou para resolvê-lo. Vale dizer que o erro pode levar o sujeito a modificar seus esquemas, enriquecendo-os [...] o erro pode ser fonte de tomada de consciência”.

Para Ferreira (1999), a leitura e a escrita são construídas paulatinamente. Muitos educadores não compreendem o início da aprendizagem como de grande valor e percebem os

“erros” como ausência de conhecimento, no entanto é preciso considerá-los como ponto de partida no processo de ensino e aprendizagem.

Desta forma, quando indagadas sobre quais as metodologias utilizadas para não constranger o aluno, as docentes afirmaram:

Quadro 4: Metodologias utilizadas para não constranger o aluno.

PROFESSOR	RESPOSTA
4A	Corrigindo, mostrando ao mesmo que é errando que se aprende.
4B	Tento não corrigi-lo de forma grosseira em frente aos seus colegas e procuro conversar individualmente para que não ocorra nenhum constrangimento.
4C	Geralmente, eu faço essa correção individual, chamando o aluno, vou mostrando os erros dele pra que ele possa observar onde errou, fazer aquela correção naquele momento e posteriormente não cometer mais os mesmos erros.
5A	Trato o erro com naturalidade, de forma comum, simples, fazendo-os compreender que o erro faz parte da natureza e da essência do ensino e aprendizagem, e que nós podemos aprender mais com erros do que com nossos acertos, uma vez que erramos obviamente temos um olhar direcionado, somos mais cautelosos com erro do que com os acertos, então, o erro também tem sua importância e validade no ensino aprendizagem, faz parte do processo educacional.
5B	O que faz o aluno sentir-se constrangido é a forma em que o educador usa palavras para mostrar o erro, que na maioria das vezes é arrogante, isso acaba gerando um bloqueio no discente, prejudicando sua aprendizagem.
5C	Converso individualmente, deixo ele perceber que o erro é um incentivo para refazer e chegar ao acerto.

Percebeu-se na fala das docentes que todas elas tentam corrigir de forma que não haja constrangimentos, mas sempre mostrando os caminhos para se chegar ao acerto. Existe, então, um olhar especial para o seu aluno, buscando compreendê-lo e servindo de mediador do processo de ensino e aprendizagem, corroborando assim com os estudos de Abrahão (2000, p.41).

Seber (2011, p.131) destaca que o professor não precisa corrigir as escritas infantis porque nelas não há nada de errado no sentido comum da palavra, percebendo esse processo de aquisição da escrita como construção; no entanto, em contradição com a citação de Seber, observa-se que quase sempre os professores fazem o aluno reescrever as palavras que erra repetidamente, de modo que muitas vezes a criança ao menos compreende o porquê de seu deslize e apenas realiza a cópia de escritas sem significado, quando o que se espera é que o professor faça o aluno refletir sobre seu erro e se autocorrija evoluindo cada vez mais, tanto na escrita, quanto na leitura.

Nesse sentido, segundo Hoffmann (1993, p.80):

Nessa perspectiva, a intervenção do professor, então, deve ser verdadeiramente desafiadora, nunca coercitiva (Não é assim!) ou retificadora (dando resposta certa), mas desenvolvendo suas hipóteses sobre a forma de perguntas ou realizando novas tarefas no sentido de confrontar o aluno com outras respostas, diferentes e contraditórias, para levá-lo a defender o seu ponto de vista ou reformulá-lo. Esse é um processo gradativo, lento, que exige o saber esperar pelo momento do aluno. Diz-se que o indivíduo aprende porque se desenvolve e não o contrário: o indivíduo se desenvolve porque aprende.

Assim, o erro em Língua Portuguesa precisa ser trabalhado de forma contínua, respeitando-se os níveis de aprendizagem da criança, pois sabemos que cada uma delas possui seu tempo para aprender e é necessário que o professor alfabetizador utilize-se de metodologias lúdicas para que o educando aprenda de uma forma mais prática e não se frustre por não conseguir alcançar o conhecimento almejado.

Acreditamos que com a prática da avaliação o professor pode observar o grau de dificuldade de seus alunos e, dessa forma, buscar subsídios para uma aprendizagem mais eficaz.

Nesse sentido, em conformidade como Dalmas (1995, p. 106-107):

Avaliação é essencial para a consecução do processo. Além do mais, é ela quem situa o grupo. Sem ela não se saberá para onde o grupo está se dirigindo, serão navegantes sem rumo. Ela faz com que o grupo ou pessoa localize, confronte o resultado e determine a continuidade do processo, com ou sem modificações no conteúdo ou na programação.

É de suma importância, portanto, que sejam planejados momentos de avaliação da aprendizagem de nossos alunos, para que possamos nortear, através de seus resultados, quais habilidades ainda precisam ser compreendidas.

Compreendendo essa como sendo uma das funções do erro, questionamos as entrevistadas a respeito de como elas o compreendiam no processo de ensino e aprendizagem, ao que foi respondido:

Quadro 5: Compreensão da função do erro no processo de ensino e aprendizagem

PROFESSOR	RESPOSTA
4 ^a	Visa evidenciar a importância de uma postura crítica dos educadores frente ao erro no processo avaliativo.
4B	O erro é muito importante no processo de ensino e aprendizagem para fazer com que o aluno busque formas para melhorar sua aprendizagem.
4C	Compreendo que é normal, o aluno muitas vezes não é todos os conteúdos que ele vai dominar, então muitas vezes o erro se faz necessário pra que ele chegue ao professor e tire as dúvidas que tinha com relação a determinado conteúdo, pra que não possa cometê-los de uma próxima vez, porem é necessário que o aluno perceba que quando não compreendeu ele tenha a maturidade de chegar ate o professor e tirar a dúvida, porque se ele permanece com aquela dúvida ou cometendo os mesmos erros ele não vai ter um processo de aprendizagem eficaz, e isso vai dificultar pra ele futuramente.
5 ^a	O erro no processo de aprendizagem é imprescindível, o fato que mais importa é como iremos tratar desses desvios ortográficos, visto que traga sempre algo positivo e esclareça duvidas, para assim validar uma aprendizagem significativa, pautada no respeito às dificuldades encontradas.
5B	O erro por sua vez contribui para o desenvolvimento do processo de aprendizagem do discente, através do erro ele sente a necessidade de buscar o “certo”. Pesquisar e tentar entender sua falha.
5C	Como meio de alcançar a aprendizagem.

Se olharmos para os aspectos históricos do castigo escolar, advindos do erro e/ou do que era percebido como “malcriação”, veremos que nos tempos dos nossos pais e avós era comum o castigo escolar ocorrer através da agressão física. Os professores o usavam como forma de correção em direção à aprendizagem. No entanto, à medida que se avançou no tempo, os castigos físicos escolares foram acabando e essas práticas de violência foram, enfim, abandonadas.

Nesse contexto, o olhar do professor diante dos erros do aluno deve ser de compreensão, pois é necessário entender que deslizes irão surgir em todas as fases de alfabetização. Portanto, as docentes estão agindo de maneira correta ao compreenderem o erro, buscando formas para que não haja nenhuma forma de constrangimento e procurando outros meios para se chegar a uma melhor aprendizagem.

A avaliação escolar precisa, portanto, ser usada como um meio de auxiliar o diagnóstico dos níveis de aprendizagem em que se encontra o aluno e, a partir disso, serão oferecidos recursos capazes de orientá-lo a uma aprendizagem significativa que atenda às suas necessidades, por meio do ensino adequado, porque, como diz Luckesi (1990, p. 165), “avaliar significa identificar impasses e buscar soluções”.

É imprescindível que o docente encare o erro do aluno enquanto um objeto de discussão de como se ensina e como se aprende, auxiliando não somente na compreensão do percurso do aluno, mas também na oportunidade de replanejar a partir das necessidades apresentadas no trajeto educacional, de modo que Segundo Sucla (2005, p.174), “o professor encontre subsídios que possam auxiliá-lo a entender melhor a questão do erro, que o aluno comete na construção do seu conhecimento”. Dessa forma, faz-se necessário que não só os conhecimentos que a criança possui sejam considerados degraus, mas também seus erros, que futuramente se transformarão em acertos, dependendo da forma como serão trabalhados. Segundo Sucla (2005, p.181):

É importante lembrar que o erro deve ser observável pelo aluno, portanto, só a correção não basta. É necessário possibilitar a reconstrução das hipóteses já conhecidas pelo aluno, instigando-o a reformular e elaborar outras respostas.

Portanto, a avaliação não pode ser empregada apenas para atribuir notas ao educando, ela precisa ser contínua e estar inclusa no processo de aprendizagem do aluno. O erro em Língua Portuguesa, especialmente, deve ser tratado de forma sistemática, respeitando os níveis de conhecimento da criança, já que cada uma possui seu tempo para aprender e é fundamental que o professor alfabetizador utilize metodologias lúdicas para um aprendizado de maneira mais prática.

Quadro 6: Compreensão conceitual sobre o erro construtivo.

PROFESSOR	RESPOSTA
-----------	----------

4 ^a	Quando o aluno busca corrigir seus erros para ter um bom desenvolvimento.
4B	Bem, é quando o aluno percebe o erro e tenta chegar ao acerto.
4C	Há erros construtivos e não construtivos, tem alunos que aprendem o próprio erro e em outros casos não, porque tem momentos que o aluno ele erra não porque não saiba, mas porque não prestou atenção suficiente para aprender aquilo, e muitas vezes ainda pega o caderno do colega e comete os mesmos erros, então há casos em que é construtivo e casos que não são construtivos, o professor deve observar.
5 ^a	Todo erro é construtivo, desde que o discente perceba o mesmo, como uma oportunidade a mais de aprendizagem, aceite e reflita sobre o que precisa melhorar, é importante uma consciência aberta, de modo que não crie barreiras a partir dos erros cometidos e sim sejam eles subsídios que venham auxiliar o conhecimento.
5B	É quando o discente aprende com o próprio erro.
5C	É aquele que dá oportunidade para o aluno aprender no processo de ensino e aprendizagem.

Observou-se, com as indagações, que as professoras pesquisadas compreendem que antigamente existia uma forma mais rigorosa para tratar os erros; todavia, atualmente, há compreensão e motivação diante deles em suas salas de aula.

As professoras 4A, 4B, 4C, 5A e 5B pensam de forma mais esclarecida acerca do papel do erro, mostrando-se mais receptivas a um pensamento compreensivo. Em contrapartida, a educadora 5C mostrou-se mais objetiva em suas respostas, demonstrando frustração quando seu aluno comete algum deslize.

Com relação à compreensão conceitual do erro construtivo, as educadoras mencionaram que o entendem como sendo aquele que o aluno comete no intuito de acertar e, por isso, buscam consertar esse erro a fim de chegar ao acerto. O professor deve, pois, intervir para que haja a construção da aprendizagem.

Dessa forma, segundo Moysés (2001, p.69) “o educador tem que estar atento para reconstruir o conhecimento a partir do erro. Ao descobrir algo errado no caderno, ele deve levar o aluno a descobrir onde errou. Assim, estará demonstrando respeito pelo que o aluno fez”. A reconstrução do conhecimento, a partir do erro, é muito importante para uma aprendizagem significativa, logo é necessário que o professor não só valorize o acerto, mas também os erros como forma de reconhecimento de tentativa para obtenção do acerto.

Diante das observações feitas nas salas de aula das entrevistadas, verificou-se que as mesmas realizam a mediação diante dos erros e dúvidas dos alunos.

Sendo assim, observa-se que atualmente os educadores estão com um novo olhar diante dessa temática, compreendendo que o erro faz parte de um processo existente na aprendizagem e que com paciência e motivação pode ajudar o aluno a chegar ao acerto. Portanto, a produção desses dados foi imprescindível para compreender e observar como as educadoras tratam o erro do educando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi realizada com o objetivo de analisar a intervenção das professoras diante do erro e, mais especificamente, os que ocorrem em Língua Portuguesa nos anos iniciais, a fim de compreender como as entrevistadas recebem e tratam os erros de seus alunos no ciclo de alfabetização.

Historicamente o erro vem sendo, desde muito tempo, considerado na prática escolar como fracasso ou incapacidade do educando. Porém, é urgente mudar essa visão de modo que seja percebida sua importância para o processo de aprendizagem, a partir do momento em que o professor o toma como ponto de partida e adequa sua prática às necessidades do alunado. Em Língua Portuguesa, existem várias normas e regras ortográficas e, devido a isso, muitos educandos possuem dificuldades quanto ao uso da linguagem, no entanto pudemos observar que cada idade possui seu estágio e cada criança o seu tempo de aprender.

Nesse sentido, é interessante que o docente parta do contexto social da criança para tornar o ensino mais significativo, buscando os elementos que envolvam a leitura e a escrita presentes no nosso dia a dia, como embalagens, letreiros de mercados, placas de trânsito, entre outros, a fim de que as crianças estejam rodeadas de letras. Dessa forma, é fundamental o contato das crianças com textos quando estão no processo de alfabetização a partir de diversos

gêneros textuais, de modo a elevar seu nível de letramento para que possam utilizar a língua escrita em todo seu contexto social.

Com esta pesquisa, observou-se que as professoras investigadas apresentam um olhar bastante construtivo do erro, considerando-o não como punição, mas como um importante passo para a aprendizagem.

A escola precisa ser ainda mais vista como um ambiente acolhedor e motivador para os educandos e, seu corpo docente deve buscar, nas múltiplas metodologias, tantas oportunidades para a aprendizagem quanto se fizerem necessárias.

Os dados analisados nesta pesquisa apontam que as educadoras entrevistadas, em linhas gerais, possuem um novo olhar referente ao erro do aluno e buscam novas formas de ensino quando o educando possui alguma dificuldade. Nesse sentido, surge a importância de estudos que aprofundem essa temática, a fim de promover reflexões mais amplas acerca do assunto nas formações iniciais e continuadas dos educadores.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **Avaliação e Erro construtivo Libertador: Uma Teoria-Prática Incluyente em Educação**. Porto Alegre: EDIPURS, 2000.

AQUINO, Julio Groppa. (Org.) **Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e praticas**. São Paulo: Summus, 1997.

ARAGÃO, Milena; GONÇALVES, Ana Maria. **Práticas de castigos escolares: enlaces históricos entre normas e cotidiano**. Conjectura, v. 17, n. 2, p. 17-36, maio/ago. 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/1648/1024>. Acesso em: 19 de setembro de 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

DALMAS, Ângelo. **Planejamento participativo na escola: elaboração, acompanhamento e avaliação**. 13. ed. Pretópolis: Vozes, 1995.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1993.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Prática escolar**: do erro como fonte de castigo ao erro como fonte de virtude. São Paulo, Cortez, 1990. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p133-140_c.pdf

MACEDO, Lino de. **Ensaio construtivistas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

MOYSÉS, Lúcia. **O desafio de saber ensinar**. 8.ed. São Paulo: Papirus, 2001.

PILETTI, Claudino. **Didática geral**. 23ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

SEBER, Maria da Glória. **A escrita infantil**: O caminho da construção. São Paulo: Scipione, 2011.

SOARES, Magda, **Letramento**: Um tema em três gêneros/ Magda Soares, Belo Horizonte: Autêntica, 2004, 12.

SOUZA, Marlon. **A evolução da escrita**: psicogênese da Língua Escrita. 2012. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-evolucao-da-escrita-a-psicogenese-da-lingua-escrita/95930#ixzz5FsyBJvDz>. Acesso em 20 de dez. de 2019.

SUCLA, Vivian Maria. **O sentido construtivo do erro no processo de alfabetização**. 2005. Disponível em <https://docplayer.com.br/25106287-O-sentido-construtivo-do-erro-no-processo-de-alfabetizacao.html>. Acesso em: 02 de novembro de 2018.

SZYMANSKI, Heloísa. (org.) **A entrevista na pesquisa em educação e prática reflexiva**. Brasília. Líber Livros Editora, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

VELOSO, João (2003). **Da Influência do Conhecimento Ortográfico sobre o Conhecimento Fonológico**. Estudo Longitudinal de um Grupo de Crianças Falantes Nativas do Português Europeu. Dissertação de Doutorado em Linguística apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/18030/2/4990TD01P000079024.pdf>. Acesso em 12 de mar. de 2019.

VIANNA, Heraldo Marelim. **Pesquisa em educação**: a observação. Brasília: Plano Editora, 2003.